

Rompendo hábitos e disciplinas: saúde mental e educação – perspectivas para uma Educação Física emancipatória e crítica

Tainá Arouck Damasceno Maia Farrielo¹

Carla Cristina Garcia²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Este artigo, fundamentado nas Epistemologias Feministas, analisa a relação entre corpo, Educação Física e cultura em um contexto neoliberal. O objetivo é refletir sobre a influência social dos espaços da Educação Física na cultura, sociedade e política, e como o neoliberalismo se apropria desses espaços. Ao abordar a saúde mental e a marginalização de grupos, o texto propõe uma Educação Física crítica, que ressignifique o corpo como sujeito político e cultural, promovendo a inclusão e resistência às pressões neoliberais.

Palavras-chave: Educação Física; saúde mental; neoliberalismo; epistemologias feministas; inclusão.

¹ Doutoranda e Mestra (2023) em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Graduada em Ciências Sociais (2019) pela PUC-SP. Pesquisadora do Inanna - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Sexualidades, Feminismos, Gênero e Diferenças (NIP/PUC/SP). Educadora Social formada pelo SENAC SP e agente cultural formada pelo programa Jovem Monitor Cultural da Prefeitura de São Paulo. Pesquisa a ressignificação do corpo das mulheres a partir das artes marciais. Também estuda acerca da cultura física pela perspectiva das mulheres. Tem experiência na área de Sociologia de Gênero, Estudos Feministas e Psicologia do Esporte. **Agradecimentos:** o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, sendo a autora bolsista pela entidade.

² Doutorado em Ciências Sociais (2000) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Graduada Ciências Sociais (1988) e Mestra em Ciências Sociais pela PUC-SP (1991). Fez Pós-doutorado junto ao Instituto Jose Maria Mora-Mexico-DF (2004) como bolsista da FAPESP. Atualmente é professor assistente doutor da PUC/SP e professora titular da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Tem experiência na área de Sociologia de Gênero, Estudos Feministas e Lazer Urbano., atua principalmente nos seguintes temas: gênero, mulheres, condição social, relações sociais e políticas sociais.

Breaking habits and disciplines: mental health and education – perspectives for an emancipatory and critical Physical Education

Abstract: This article, based on Feminist Epistemologies, analyzes the relationship between the body, Physical Education, and culture in a neoliberal context. The aim is to reflect on the social influence of Physical Education spaces on culture, society, and politics, and how neoliberalism appropriates these spaces. By addressing mental health and the marginalization of groups, the text proposes a critical Physical Education that redefines the body as a political and cultural subject, promoting inclusion and resistance to neoliberal pressures.

Keywords: Physical Education; mental health; neoliberalism; feminist epistemologies; inclusion.

Rompiendo hábitos y disciplinas: salud mental y educación - perspectivas para una Educación Física emancipadora y crítica

Resumen: Este artículo, basado en las Epistemologías Feministas, analiza la relación entre el cuerpo, la Educación Física y la cultura en un contexto neoliberal. El objetivo es reflexionar sobre la influencia social de los espacios de la Educación Física en la cultura, la sociedad y la política, y cómo el neoliberalismo se apropiá de estos espacios. Al abordar la salud mental y la marginación de grupos, el texto propone una Educación Física crítica que redefine el cuerpo como un sujeto político y cultural, promoviendo la inclusión y la resistencia a las presiones neoliberales.

Palabras clave: Educación Física; salud mental; neoliberalismo; epistemologías feministas; inclusión.

A interação entre saúde mental e Educação Física (EF) revela as influências complexas do modelo neoliberal no ambiente educacional e no bem-estar psicológico de estudantes e educadores/as. O neoliberalismo, com seu foco em desempenho e produtividade, impacta profundamente o ensino, moldando processos de aprendizado e a maneira como a saúde mental e os corpos são compreendidos e tratados. Epistemologias feministas questionam tais padrões que pressionam os indivíduos a se conformarem com ideais de sucesso e eficiência, frequentemente negligenciando o bem-estar e a inclusão.

No contexto da EF, Lino Castellani Filho (2001) observa que esta, tal como construída no Ocidente, muitas vezes adota uma abordagem tecnicista e acrítica, reforçando uma herança militar de disciplina e controle. Para este autor: “A Educação Física foi, historicamente, um campo instrumentalizado para atender aos interesses do Estado, não à emancipação dos sujeitos” (CASTELLANI FILHO, 2001: 57). Esse legado militar é atualizado pelo neoliberalismo, que vê o corpo como um mecanismo de produção, focado na eficiência e na produtividade. Tal abordagem reduz o corpo a um “instrumento técnico, desapropriado de suas subjetividades e de suas potências críticas e sociais” (CASTELLANI FILHO, 2001: 61), um desdobramento que limita o potencial da EF como um espaço de desenvolvimento integral do ser humano. Complementando tal perspectiva, Raquel Stela de Sá Siebert (2008), discute como as relações econômicas e as estruturas de poder influenciam a percepção e o controle do corpo. Segundo Siebert, “o corpo é configurado e regulamentado conforme as demandas da economia e do poder social, tornando-se um território disciplinado e hierarquizado” (SIEBERT, 2008: 34). Essa visão ajuda a entender como o neoliberalismo se manifesta nas práticas corporais, promovendo uma normatização que controla os corpos e exclui aqueles que não se conformam aos padrões hegemônicos. Siebert explica que “o corpo não é apenas um objeto biológico, mas uma construção social sujeita às imposições e ao controle ideológico” (SIEBERT, 2008: 38), o que reforça a necessidade de uma EF que vá além da simples reprodução de normas físicas e culturais.

A aplicação dos princípios neoliberais no ambiente educacional gera uma cultura de metas rígidas e avaliação constante. Harvey (2005) argumenta que o neoliberalismo molda instituições sociais conforme princípios de mercado, ressaltando a responsabilidade individual e ignorando fatores estruturais que afetam a vida dos sujeitos. Esse modelo transfere para o indivíduo a obrigação de atender a exigências de desempenho, resultando em cansaço e ansiedade (HAN, 2017). Na EF, isso se traduz em uma ênfase exagerada na eficiência e na competitividade, o que, segundo Dardot e Laval (2016), impõe padrões de capital corporal que inclusive afetam de modo particular as mulheres que enfrentam pressões relacionadas à conformidade com padrões de beleza. Bauman (2001) aprofunda essa perspectiva ao destacar que o neoliberalismo reformula o conceito de capital humano, transformando o corpo em um recurso a ser constantemente otimizado e comercializado. Essa abordagem contribui para a criação de padrões inatingíveis.

veis de desempenho e aparência, que distorcem a autoestima e a percepção corporal dos indivíduos. Tal lógica mercantilista, portanto, reduz o corpo a um produto, desconsiderando sua dimensão subjetiva e relacional. Essa dinâmica promove uma mercantilização da corporeidade, marginalizando corpos que não se adequam aos padrões normativos e agravando processos de estigmatização e exclusão. Além disso, a ausência de uma perspectiva crítica na Educação Física evidencia-se em discursos que aparecem neutralizados, mas frequentemente occultam posturas conservadoras. Essa “neutralidade” dissimulada serve como um mecanismo para naturalizar práticas e valores políticos e sociais, muitas vezes excludentes. Durante as eleições de 2022 no Brasil, por exemplo, tatames de jiu-jitsu brasileiro foram utilizados como palcos para manifestações políticas explícitas, como slogans que afirmavam: “Quem luta de verdade, vota 22, vota Bolsonaro”. Esse episódio ilustra a instrumentalização do esporte para reforçar narrativas conservadoras, alinhando-o a discursos que perpetuam desigualdades e exclusões no ambiente esportivo e na sociedade (FERNANDES, 2023). Tal dinâmica revela como práticas esportivas podem ser politicamente carregadas, mesmo quando apresentadas como apartidárias ou neutras. A ausência de um olhar crítico sobre essas manifestações permite que o esporte seja apropriado como ferramenta de reprodução de ideologias que muitas vezes entram em conflito com princípios de igualdade e inclusão. Portanto, a EF precisa de uma abordagem que reconheça tais tensões e que promova um espaço educacional capaz de contestar os discursos hegemônicos, em vez de legitimá-los.

Educadores/as, especialmente professores/as de Educação Física, também são afetados por essa lógica neoliberal, por meio da perda de autonomia pedagógica. Ball (2016) observa que a governança pela performatividade exige conformidade com métricas de produtividade que afastam os/as educadores/as de práticas pedagógicas centradas no desenvolvimento humano. Esse modelo transforma a educação em um processo de acumulação de capital humano, comprometendo a saúde mental e física de professores/as e alunos/as.

A aplicação da epistemologia feminista à EF representa uma estratégia robusta para resistir às pressões do neoliberalismo. Como observa bell hooks³ (1994), o feminismo valoriza as experiências individuais e coletivas, possibilitando a construção de narrativas que desafiam as estruturas patriarcais e hierárquicas predominantes na educação. Tal perspectiva permite compreender os corpos em suas singularidades e na relação direta com a saúde mental, enfatizando práticas pedagógicas voltadas para a diversidade e o bem-estar integral, em contraste com o modelo neoliberal, que privilegia a produtividade em detrimento da subjetividade e da saúde psíquica. Essa abordagem feminista desafia a instrumentalização do corpo como mero objeto de performance e eficiência, resgatando-o como um agente cultural e político. Para hooks (1994), politicar o corpo é reconhecê-lo como produtor de cultura, e não apenas como algo a ser moldado por lógicas externas de controle. Esse entendimento enriquece a Educação Física ao incorporar memórias, experiências e subjetividades, promovendo uma visão ampliada que resiste à exclusão e à padronização impostas pela lógica neoliberal.

Ao adotar as teorias feministas, torna-se possível questionar o papel da EF como reproduutora de desigualdades e com isso, refletir visando o desenvolvimento de práticas transformadoras nestes espaços. Tais práticas podem, por sua vez, reconfigurar os locais esportivos e educacionais, tornando-os acolhedores

³ Preservamos o desejo da autora de utilizar seu nome em letras minúsculas. Tal decisão de bell hooks, em conjunto com a utilização de um pseudônimo (este nome é em homenagem a sua avó, seu nome verdadeiro é Gloria Jean Watkins) visa uma recusa do egocentrismo intelectual e busca dar foco às suas obras.

para a diversidade corporal e comprometidos com a promoção de saúde mental e autonomia. Assim, a epistemologia feminista não apenas critica as limitações do neoliberalismo, mas também apresenta caminhos para a construção de uma EF mais equitativa e emancipadora.

Para que a EF valorize a diversidade corporal e a saúde mental, é imprescindível superar as normas neoliberais que objetificam e hierarquizam o corpo. Como enfatiza Castellani Filho (2001), uma EF crítica deve reconhecer o corpo não apenas como expressão da cultura, mas também como uma forma de resistência ativa às normas hegemônicas e às violências estruturais. Tal abordagem promove um ambiente educacional comprometido com o bem-estar integral e a pluralidade das experiências corporais.

A partir do exposto, este artigo propõe uma análise crítica da EF no contexto neoliberal, enfatizando como ela reflete diretamente as lógicas econômicas e sociais dominantes. Essas influências são especialmente evidentes nas práticas esportivas, que frequentemente legitimam discursos biologizantes. Tais discursos não apenas promovem a alienação, mas também sustentam a perpetuação de violências estruturais contra corpos dissidentes. Isso inclui corpos racializados, de classes marginalizadas, e aqueles que possuem orientações sexuais ou culturas não hegemônicas, reforçando padrões excludentes e hierarquias opressoras (SILVA, 2016). Esses discursos acabam também por fomentar malefícios profundos em termos de saúde mental para tais grupos.

Este estudo busca desvelar os mecanismos pelos quais a EF pode reforçar ou contestar as normas hegemônicas, propondo a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade corporal e desafiem as desigualdades estruturais. Nesse sentido, a reflexão crítica sobre o papel da EF no contexto neoliberal oferece uma possibilidade que foque nas consequências sociais e mentais da área e a potencialidade que a EF revela, sendo um importante espaço de disputa epistêmica.

O nosso relacionamento com o corpo patenteia nosso “ser-no-mundo”⁴

O que motiva um corpo? Por qual razão este se move? Poucas vezes houve um aprofundamento destas reflexões tal como fez Marcel Mauss (1872-1950) ao perceber que as técnicas corporais tinham direta relação com as práticas culturais das sociedades. Ele compreendia as técnicas do corpo a partir do tempo histórico, entendendo-as enquanto parte do social e da cultura. A partir do que Mauss discute, do corpo enquanto um campo revelador de uma cultura/sociedade, pensar sobre os corpos abre margem sobre o que eles nos informam, tornando impossível negar que são agentes da cultura, desde o jeito de andar, até o de nadar ou dançar.

Levantar-se, agir mecanicamente ao longo do dia são coisas que fazemos roboticamente, já *habituatedos*⁵ aos mesmos movimentos repetitivos. Por muitas vezes, o corpo apenas *habitua-se*. E este *habituar-se*, é esvaziar a memória de um corpo. O condicionamento ao *habito*⁶ no qual o Ocidente está mergulhado, é algo

⁴ Pegamos de empréstimo a reflexão feita por Maritza Maffei da Silva (1995), que “Nosso relacionamento com o nosso corpo é o ponto focal, nuclear, que patenteia nosso “ser-no-mundo” (SILVA, 1995: 114)

⁵ Tal reflexão sobre o hábito foi feita por Raquel Siebert em 1995. É um impulso para se pensar acerca de todas as questões que abarcam o nosso corpo. A autora será citada mais a frente neste artigo.

⁶ Há também a noção de habitus elaborada por Mauss para esse sentido do hábito desprovido de memória. As repetições de técnicas e imitações variam de acordo com as sociedades e revela o caráter social existente. Ver: MAUSS, Marcel. 1. Noção de técnica do corpo. Sociologia e Antropologia. trad. Paulo Neves São Paulo. Cosac Naify, 2003.

que reflete a lógica neoliberal da produtividade. A partir da repetição sem reflexão, otimiza-se o tempo, pois assim não haverá necessidade de pensar no que se deve fazer. Neste contexto, reverte-se a possibilidade de criticidade das escolhas de um corpo cansado e exausto, somatizando-se a uma saúde mental negligenciada pela lógica do capital limitando-o ao *habito*, sem entender toda a exaustão ou desejos que neste corpo se manifesta de variadas formas. O que se percebe é que,

As teorias que sempre dissocia mente e corpo fizeram um esplêndido trabalho, mascaram as contradições e as crias que apartam a oligarquia e os trabalhadores (aí incluídas as mulheres), mascarando as desigualdades do sistema. É a repressão do sistema que é propagada pela escola, pelo ordenamento jurídico, pela Igreja, pela ciência, fazendo do colonialismo cultural o móvel principal a induzir a manutenção do status quo. (Maritza Maffei da SILVA, 1995: 115)⁷

Os exercícios físicos fazem parte desta dinâmica e refletem muito a produtividade exaustiva acerca do corpo-máquina levado ao limite, sem reflexão, logo acrítica, acerca dos movimentos que são feitos diante do contexto no qual estamos imersos, da ideologia neoliberal. A partir dos métodos das práticas físicas temos muitos exemplos de como a lógica da produtividade é impressa nos corpos: se não há familiaridade com os movimentos, independente de qual atividade física você escolha, o que se propõe é a repetição vazia de significado. Repetir incansavelmente até “automatizar” seu corpo para a execução das atividades, até tornar-se hábito. Desconecta-se, como típico de uma EF tecnicista, a mente deste processo, pois o que vale é apenas a produtividade do corpo levado ao seu máximo. Elementos que, pensando na EF brasileira, se revelam também devido à sua herança militar, disciplinatória, muito bem reforçada pelos valores impressos de Rui Barbosa (1849-1923) ao projeto da EF como parte do ensino (1882), se tornando um reduto histórico de vozes de comando e posturas militares (Fúlvia ROSEMBERG, 1995) que ainda se inflam em diversas práticas esportivas atuais⁸. Quanto mais você repetir e se induzir ao hábito, melhor a sua produtividade. Diante dessa lógica da produção desenfreada e veloz, esvazia-se o significado do movimento. Nos vemos reféns da lógica neoliberal por todos os lugares e é justamente no corpo que se imprimem marcas deste tempo histórico, ou melhor dizendo, deste Frankenstein do neoliberalismo, como diz a professora de ciência política Wendy Brown ao dar título ao seu artigo acerca das problemáticas enfrentadas no século XXI com relação a este monstro devastador do bem-estar social que prioriza apenas a produtividade e propriedade, pois,

a racionalidade neoliberal é produtiva, formadora do mundo: ela economiza todas as esferas e os esforços humanos, e substitui um modelo de sociedade baseada em um contrato social produtor de justiça por uma sociedade concebida e organizada como mercados, e com estados orientados pelas necessidades do mercado. A medida que a racionalidade neoliberal se torna nosso senso comum generalizado, seus princípios não governam apenas por meio do Estado, mas também se espalham pelos locais de trabalho, pelas escolas, pelos hospitais, pelas academias, pelas viagens aéreas, pelo policiamento e por todas as formas do desejo e das decisões humanas. (Wendy BROWN, 2021: 96-7)

Ao compreender o corpo enquanto máquina de produção, este fica algemado

⁷ Nós, do Núcleo de Pesquisa Innana – Núcleo Interdisciplinar de Gênero, Sexualidades e Diferenças da PUC-SP, sempre nos referimos às mulheres utilizando seu nome e sobrenome, descumprindo a regra da ABNT propositalmente. Este posicionamento tem como objetivo dar visibilidade às mulheres nas produções acadêmicas.

⁸ “(Jair Bolsonaro) ostenta uma ala de apoiadores não apenas no futebol. Jogadores das seleções masculinas de vôlei e basquete e atletas de outras modalidades já levantaram bandeira pró-Bolsonaro”. In: *O circuito do esporte que abraça Bolsonaro: de Lucas Moura a Emerson Fittipaldi, personalidades esportivas declaram apoio ao candidato do PSL. Manifestações políticas ainda são raras entre atletas em atividade*. EL PAÍS. 2018.

às dinâmicas que o alienam de si e o adoecem. É no corpo que tais atravessamentos se dão da forma mais intensa. Numa cultura ocidental na qual por origem filósofos como Platão e Descartes consideravam o corpo inferior ao compará-lo com o espírito, carrega-se a herança desta reflexão, que ao ser atualizada, colabora com a robotização do corpo e para além disso, permanece hierarquizando como saber superior e mandante o da mente, no qual consequentemente descharacteriza toda a possibilidade de produção de conhecimento que os corpos também podem revelar. Conhecimento este, tão bem observado pelo sociólogo Richard Sennett, são fundantes, pois “*todas as habilidades, até mesmo as mais abstratas, têm início como práticas corporais*” (SENNETT, 2013: 20).

O que seria, portanto, este corpo? Na introdução do livro *Gênero, corpo e conhecimento* (1987) organizado por Alison M. Jaggar e Susan R. Bordo, as organizadoras respondem: o corpo é agente da cultura (Susan BORDO, 1997). Além de ser este agente tão potente em que a cultura se inscreve e se transforma, também pode ser uma ferramenta poderosa de controle social, como bem observado por Bordo e por autores como Foucault. Este corpo, portanto, não é determinado por seu aspecto biológico, mas tem um papel ativo, de agente da cultura. Ao refletir sobre isso na EF, denota-se que “*a partir das construções que, em cada época, a sociedade faz sobre homens e mulheres, a prática esportiva modifica-se.*” (Carla Cristina GARCIA, 2018: 501).

O disciplinamento e a normatização do corpo - principalmente daqueles dissidentes, como é o caso do feminino - são estratégias eficientes de controle social (Susan BORDO, 1997). No caso das mulheres e as atividades físicas,

(...) o esporte está intimamente ligado aos estereótipos do que uma mulher ou um homem podem realizar ou não com seu corpo, além de estipularem para ambos os lugares determinados na sociedade.” (Carla Cristina GARCIA, 2018: 501).

Como diz Raquel Siebert (1995: 30), “*dessa forma, os indivíduos são fabricados por esse sistema para responder aos imperativos do modo de produção*” e pelas estruturas de poder. Deste modo o corpo se torna um dos principais meios potenciais de domesticação, de controle e de automatização ao hábito, que renegam a possibilidade de observá-lo através de sua inteligibilidade e memória. Escapar o corpo destes mecanismos de controle é descobrir um universo de possibilidades múltiplas, transgressoras e transformadoras. Ousar entender o corpo enquanto algo múltiplo e plural que não é separado da mente, é compreender o corpo não enquanto máquina, mas sim como fonte de sabedoria, como uma importante ferramenta de experiência que nos faz lidar com todas as questões sociais as quais nos atravessam e que impede a possibilidade de negligenciá-lo ao *hábito*. Ao entender, através da EF, o corpo não enquanto propriedade privada, mas enquanto conjunto do *eu*, enquanto característica formadora da subjetividade, fundamental para construção do entendimento do mundo, transgride-se a disciplina militar e neoliberal de racionalidade impressa na corporeidade e fortalece-se o corpo enquanto agente político e de cultura que pode ser uma das poderosas ferramentas de transformação social, principalmente ao deslocarmos a questão individual do corpo e pensá-lo a partir de seu impacto social. Na perspectiva das teorias feministas, essa necessidade de domínio, controle e disciplina, é uma lógica que em sua raiz é masculina, algo que reflete e está impregnado na própria

EF desde o século XIX⁹, portanto, o desafio de romper com esta dinâmica de raízes profunda é um longo trabalho que envolve disputas epistemológicas na produção do saber nestes espaços.

Entender por que nos movemos (ou não nos movemos) - eis a potencialidade dada por trás desse questionamento: ao optar por ter consciência do porquê *me move* surge a possibilidade de um olhar atento às experiências que esta corporeidade impulsiona, dando atenção a cada detalhe de movimentos deste corpo, escutando-o e consequentemente descortinando um caminho cheio de possibilidades, de descobertas que desnaturalizam o corpo e retiram-no do *habito*. Quando se nega toda a sabedoria que o corpo pode oferecer, quando o limitamos ao poder do *habito*, apaga-se sua história, fomenta-se o declínio de sua saúde mental. Ao reprimir o corpo, eu afirmo a inexistência da sua inteligibilidade.

a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, consequentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. (FOUCAULT, 2022: 8)

Negligenciar o corpo, consequentemente, é adoecê-lo e desqualificá-lo enquanto inteligente, repleto de memória, de marcas, que vão transformando-o e nos fazendo entender muito de nós antes mesmo que pudéssemos traduzir as experiências em palavras.

E os corpos de mulheres? Possibilidades potentes a partir da atividade física

Relacionando aos corpos de mulheres, qual o papel da atividade física neste sentido? Ou ainda, quais os múltiplos papéis? Se ao mesmo tempo, como no caso das artes marciais, pode-se descobrir as mais variadas possibilidades de um corpo feminino ágil, forte e capaz, que se torna uma ferramenta de transgressão à lógica da cultura Ocidental visou docilizar tais corpos (Tainá FARRELO, 2022), há, no entanto, outras problemáticas envolvidas e enraizadas que atravessam a atividade física de modo geral¹⁰. Como coloca Susan Bordo (1997: 20), estes corpos são alvos suscetíveis ao alto risco de sujeição,

os corpos femininos tornam-se o que Foucault chama de “corpos dóceis”: aqueles cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao “aperfeiçoamento”. Por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem, e o vestuário - princípios organizadores centrais do tempo e do espaço nos dias de muitas mulheres - somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na automodificação. Induzidas por essas disciplinas, continuamos a memorizar em nossos corpos o sentimento e a convicção de carência e insuficiência, a achar que nunca somos suficientemente boas. Nos casos extremos, as práticas da feminilidade podem nos levar à absoluta desmoralização, à debilitação e à morte.

Dito isto, a EF cumpria um papel de controle e disciplina nos corpos das mulheres, que fazia jus a toda uma estrutura social na qual o papel da mulher era o da maternidade e cuidadora do lar, cerceadas de expandir a possibilidade de seus corpos.

⁹ O masculino foi relacionado a força, a agressividade (...). Essas ideias simplificadas da realidade (...) têm repercussões sobre como nos vemos a nós mesmos e aos demais. No século XIX, as práticas esportivas estavam impregnadas de uma concepção de masculinidade que celebrava a competitividade e a dominação física (Carla Cristina GARCIA, 2018: 501).

¹⁰ Como disse a jornalista Neusa Maria Pereira, há muito o que se fazer para tornar estes espaços mais viáveis para todas as pessoas. Ter esta visão crítica nos possibilita transformar estes espaços para que sejam compostos da mesma forma por grupos dissidentes, como mulheres, população LGBTQIAPN+ etc.

A rejeição em relação à incorporação das mulheres nas práticas esportivas era acompanhada de um discurso que ditava o que podiam e o que não podiam fazer nesse âmbito. Como em tantas outras esferas da vida, o médico, o padre e, com frequência, a mãe atuando como reproduutora dos valores dominantes eram os encarregados de transmitir essa norma que obrigava as mulheres a se manterem frágeis e elegantes e afastadas da possibilidade de desenvolverem capacidades consideradas próprias a uma esportista: força, resistência e independência (Díez García, 2006). Desse modo, o conceito de natureza feminina como inherentemente débil e doentia integrou-se às atitudes e comportamentos, até se converter em uma realidade material, parte da vida cotidiana. A aceitação/incorporação, pelas próprias mulheres, da ideia de que eram incapazes fisicamente deu um peso humano e moral aos dados científicos. No final do século XIX, essas novas formas de controle social encontravam-se firmemente arraigadas e internalizadas pelas mulheres, especialmente as da classe média e da elite, que se dedicavam aos afazeres domésticos quase em tempo integral. Os médicos e os professores juntavam-se à imprensa no esforço de educar as mulheres como guardiãs do lar. (Carla Cristina GARCIA, 2018: 502-3)

Não por acaso Lino Castellani Filho (2007) intitulou o seu livro *Educação Física no Brasil*: com o subtítulo “*a história que não se conta*”. Nesta obra, o professor da Unicamp revela muito da trajetória sombria da EF no Brasil, desde sua conexão com os militares e o eugenismo até o reforço da lógica biologizante de atribuir às mulheres papéis de passividade nos quais visavam cercear as possibilidades de seus corpos para diversas práticas esportivas. Esse argumento acerca das mulheres escancarou a ideia dominante na qual haveria uma suposta superioridade do sexo masculino sobre o feminino, tendo em vista que os homens são livres para qualquer prática corporal que desejam praticar. Esta “*naturalização do fato social*” (CASTELLANI FILHO, 2007: 59) reforça o que Nicole Claude-Mathieu enfatiza em *A anatomia política* de que “*o caráter ‘trivial e fetichizado’ do sexo repousa sua “evidência biológica”*” (Nicole CLAUDE-MATHIEU, 2022: 77).

Ao pensarmos em práticas que foram situadas enquanto masculinas - como no caso das artes marciais - e vê-las sob a perspectiva feminina, descobre-se que estas são atividades físicas que transcendem a noção pura e simples do *habito* para as mulheres. A luta é uma maneira de agir. É parte do processo de rompimento com a lógica da fragilidade. É redescobrir o que esse corpo pode, sua potencialidade. A autodefesa, que está inclusa no espectro das artes marciais,

se torna uma maneira de pensar, pois “o corpo empresta sua voz e dá peso aos pensamentos, sejam eles leves ou ponderados” (Chantal JAQUET, 2010: 83). Este universo de possibilidades do corpo revoluciona nosso modo de observar e agir no mundo, visto que o que está calcado no corpo é a força da existência. “Ninguém, é verdade, conseguiu até hoje determinar o que pode o corpo” - nos diz Espinosa” (Chantal JAQUET, 2010: 10). Acrescento que ninguém deve determinar o que pode um corpo feminino. Falar sobre liberdade é abraçar as possibilidades de poder ser o que se quer ser, se reconhecer longe de posições de passividade, de docilidade, de submissão. É afirmar a complexidade e a multiplicidade do que pode um corpo. (Tainá FARRIELO, 2022: 78)

As práticas de lutas, são uma ferramenta que revoluciona os corpos femininos que as praticam, sendo possibilidade engajadora e doadora de poder. É uma forma de transgressão e de redescobertas de si na perspectiva feminina, e, quando se resgata a memória das mulheres envolvidas com as artes marciais, percebe-se que há uma história e uma memória impossível de ser negada, mas que foi apagada ao longo do tempo. As artes marciais foram se ressignificando de acordo com o tempo e se um dia pode significar apenas uma demonstração de destreza, como foi para as mulheres gladiadoras antes mesmo que o mito da fragilidade pudesse existir, depois do século XIX tornou-se uma ferramenta política de ressignificação do corpo com as *jiujitsufragistas* inglesas (Tainá FARRIELO, 2023). Há uma gama enorme de histórias que necessitam ser resgatadas, de mulheres

combativas como gladiadoras, espartanas e icamiabas brasileiras. Ao falar sobre memória e ao fazer uma trajetória histórica sexualmente localizada (María-Milagros RIVERA GARRETAS, 2005), rompe-se com a dimensão pura do *habito*, tendo em vista que é pela memória (consequentemente, história) que *eu sei o que estou fazendo e o porquê estou fazendo*. Como nos mostra Raquel Siebert (1995), o *habito* falsifica a memória, pois apaga a origem e se limita somente à repetição sem explicação. Portanto, um corpo feito somente de *habitos* é um corpo desprovido de sua história, e passa a naturalizar ações que são em realidade, de cunho social. Pela perspectiva feminina, a lógica do século XIX de controle social tentou imputar nos corpos uma nova ordem insistindo na incompatibilidade das mulheres com as esportividades que pudessem ameaçar as normas sociais estruturadas. Tal lógica, que vale enfatizar, é incompatível com mulheres de classe trabalhadora, ou mulheres não brancas que foram escravizadas na história do Ocidente (Angela DAVIS, 2016). Ainda que tal fundamento não seja compatível com a realidade, de modos distintos o mito da passividade e da fragilidade atravessou estes corpos. Resgatar as memórias das mulheres que foram combativas ao longo dos tempos históricos se torna, portanto, uma das possibilidades de modificação desse *habito* culturalmente construído e que causa complexas consequências para as mulheres ocidentais. A jornada está impressa no corpo, na postura corporal, nas ações a partir desse corpo que também é casa. Cada movimento que se escolhe fazer é um passo para sedimentar novas histórias no próprio corpo e que do micro para o macro, possibilita questionar e transgredir lógicas que tentam imprimir padrões e normas que enjaulam ao invés de libertar as possibilidades da corporalidade.

Resgatar a memória do corpo é transgredir às normas disciplinadoras

É preciso observar o corpo enquanto memória, enquanto possibilidade de ser uma epistemologia, um caminho no qual a experiência é valorizada. Limitar estes corpos é ceder a mecanismos históricos de controle, que se movem a partir de lógicas institucionalizadas, nas quais possuem história e trajetória específicas e costumam universalizar saberes como se fossem iguais para todas as pessoas. Não é difícil notar que a EF de maneira geral é pensada pelo viés masculino e que inclusive transformou em lei suas proibições de diversas modalidades esportivas para mulheres ao longo do tempo¹¹. Um exemplo que muito revela tal lógica da EF no país pode ser visto em um artigo dos anos de 1970¹², do professor Carlos Catalano Calleja no qual defendia que as mulheres não deviam participar de competições de judô, principalmente as competições mistas, tendo em vista que as meninas venciam dos meninos e isso poderia “ocasionar uma problemática que iria afetar a personalidade em formação do menino” (Fúlia ROSEMBERG, 1995: 277). Este é um dos exemplos sobre a não neutralidade das práticas e sobre a produção do status quo a partir do corpo.

¹¹ As judocas brasileiras terão papel fundamental em mudar essas deliberações do Conselho Nacional dos Desportos (CND) em 1979 (CASTELLANI FILHO, 1988), ao vencerem um campeonato para garantir a conquista de um direito. Em um contexto em que o mito da fragilidade se fazia presente, as judocas fugiam dos estereótipos de performatividade de gênero, determinados pela sociedade brasileira da época.

¹² Trecho destacado no artigo “A educação física, o esporte e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira”. In: *Corpo, Mulher e Sociedade*, de Fúlia Rosemberg (1995).

A disciplina do corpo a favor do neoliberalismo

A cientista política Wendy Brown revelou qual é o impacto da lógica neoliberal na realidade: se os princípios da privatização e da desregulamentação são sobrepostos numa sociedade, o resultado de uma liberdade irrestrita, sem nenhuma intervenção é o impedimento da promoção da justiça social, da inclusão e da igualdade (Wendy BROWN, 2021). Unindo tal questão à reflexão acerca do corpo e da acriticidade de práticas nas quais é preciso movimentá-lo, muito se percebe sobre as nefastas consequências que o ideal neoliberal acarreta na corporeidade: diante da disciplina do corpo robotizado e mecânico refém da racionalidade mercadológica, este, para além de possíveis adoecimentos devido à exaustão, pode se tornar uma potente ferramenta para, no limite, virar protagonista dos fascismos e totalitarismos. Quando neoliberais defendem que só há liberdade pela perspectiva individualista e negam o bem-estar social, quando afirmam convictamente que a única forma de mediar a liberdade é o mercado, a armadilha está posta e impressa também nos corpos, acarretando consequências principalmente para aqueles grupos dissidentes que são assassinados, violentados e desumanizados. No extremo, a disciplina do corpo sem reflexão somada à racionalidade neoliberal propicia mais ataques e opressões, tendo em vista uma estrutura que só releva a proteção da propriedade privada. A disciplina militar, a disciplina dos muros, a disciplina masculina em se proteger em nome da segurança contra um inimigo imaginário vira o argumento falacioso em nome de uma liberdade que atravessa, subjuga e elimina corpos, principalmente se estes forem negros, femininos, pobres e transgêneros.

Escolher resgatar o sentido inteligível da corporeidade, e, principalmente, dos corpos dissidentes que possuem suas memórias ainda mais intensamente negadas, negligenciadas e fadadas a uma construção de narrativas biologizantes que hierarquizam e colocam tais corpos, - como por exemplo, o da mulher – em posições desiguais, é optar por ser indisciplinada/o, enfrentando a lógica cerceadora construída ao longo do tempo e que ainda está carregada dessa herança determinista nas perspectivas de muitas esferas da EF. Portanto, construir uma nova memória, a partir de um resgate histórico crítico, é ampliar possibilidades para inverter a dinâmica de controle disciplinar da repetição vazia de significado, criando oportunidades novas e plurais as quais nos fazem refletir sobre o porquê decidimos nos movimentar. Além disso, propicia num importante resgate da autoestima, tornando-se uma grande aliada no quesito da saúde mental. Este corpo, agente da cultura, quanto se reconhece crítico e mutável deixa de ser robotizado e passa a quebrar as regras tecnicistas através do resgate da memória de si e de suas potencialidades.

Em todas as formas de cultura, inclusive na corporal, a tecnologia proporciona igualmente a grande racionalização da falta de liberdade do homem e demonstra a impossibilidade técnica de ser autônomo, de determinar pessoalmente a sua vida. Essa falta de liberdade não surge de forma irracional nem como política, mas antes como sujeição ao aparelho técnico, intensificando a produtividade do trabalho. (Raquel SIEBERT, 1995: 31)¹³

É inegável que através do modo de se pensar a EF muito da sociedade é revelado. Desde a dimensão de um corpo movido à disciplina e ao controle de ordens até uma dimensão da noção de competição por um viés neoliberal, que coloca este

¹³ Nesse trecho, vê-se a expressão “falta de liberdade do homem” ao invés de algum outro termo que pudesse ser mais inclusivo, como *seres humanos* ou *pessoas*. Contudo, mantendo a fidelidade da escrita da autora, compreendendo que a linguagem também revela um tempo histórico.

termo enquanto instintivo e “natural” (Raquel SIEBERT, 1995). É contundente construir esta ideologia da competição que fomenta a perspectiva neoliberal atual. Ao imprimir a dimensão da competição e não da cooperação como algo “natural”, torna-se inescapável pensar em outras possibilidades de relação com o mundo. Dito isto, a EF se torna uma importante aliada para reforçar este tipo de ideal. Tanto a competição quanto a cooperação são de cunho social e pensar nas competições esportivas de um modo tão predatório e destrutivo reverbera em consequências complexas e intensas para atletas, as quais valeriam um estudo aprofundado.

Há diversos exemplos de atletas que adoecem devido à intensidade na qual se leva as competições, como foi o caso do atleta de natação Michael Phelps que admitiu ter sofrido de aguda depressão após cada uma das Olímpiadas em que participava, ou então a ginasta Simone Biles que com muita coragem desistiu da final de ginástica artística na Olímpiada de Tóquio (2021) escapando da noção de que desistir não pode ser uma opção. Estas pessoas são só algumas das atletas de alto nível que demonstram o impacto das competições construídas socialmente de uma forma predatória, que promovem a dificuldade para lidar com desistências e que podem prejudicar a saúde mental das/os profissionais. Ressignificar a noção de competição parte de repensar a própria lógica neoliberal predatória que incute esta forma da competitividade para entender o mundo e que se reflete profundamente ao situá-la no âmbito esportivo. Desobedecer a lógica instrumentalizadora para se pensar o corpo, é, portanto, transgredir uma noção destrutiva, que não permite desistências, onde por muitas vezes ainda é presa a estereótipos e que adoece: a da disciplina tecnicista da EF.

Essa EF acrítica e tecnicista sem reflexão somada à disciplina de acordo com a lógica neoliberal, reverbera em espaços produtores de células protofascistas, como muito foi visto nos setores do esporte durante o período das eleições do Brasil em 2018 e depois em 2022. Um exemplo explícito foram as campanhas massivas de lutadores/as de jiu-jitsu brasileiro nas redes sociais ao alavancar o nome de Bolsonaro sob o discurso de “*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*”, muitos deles com grande engajamento por serem atletas de alto nível da modalidade.¹⁴ Além disso, uma das mais conhecidas referências do jiu jitsu brasileiro, o faixa coral Fábio Gurgel, levou para os tatames de sua equipe Alliance o até então candidato a governador de São Paulo Tarcísio de Freitas e o candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro para discutir sobre política num local que até então sempre foi promovido enquanto “neutro” e sem viés político, ainda que o espaço das artes marciais seja o reduto do conservadorismo e da extrema direita há bastante tempo.

¹⁴ “O mundo da luta com Bolsonaro!” disse o faixa coral de jiu jitsu brasileiro Fábio Gurgel em seu Twitter na época, compartilhando um vídeo de campanha em que vários/as lutadores/as aparecem. Disponível em: <https://x.com/fabio-gurgel/status/1582791294463930368>

Figura 1: Jair Bolsonaro visita tatame da equipe Alliance de jiu-jitsu brasileiro. Fonte: Correio Braziliense, 2022.



Gurgel foi só mais um dos tantos professores/as da modalidade que fizeram ávidas campanhas para Jair Bolsonaro, revelando a memória institucional da EF no país: uma prática que só foi socialmente aceita – ainda que de primeiro momento fosse repudiada pela elite devido à valorização apenas do trabalho intelectual – em razão às suas origens militares. Além disso, é importante deixar à vista que quando a prática desportiva institucionalizada chega ao Brasil, ela aparece sob um viés eugênico, numa justificativa de possibilitar o aprimoramento da raça (CASTELLANI FILHO, 1988). O reflexo que tais comportamentos carregam provém da herança deste histórico de uma EF que pauta o corpo enquanto limitado ao viés tecnicista acrescido à racionalidade de corpos que reproduzem a lógica militar e que na atualidade se anexa à do mercado, tornando-se esse “*Frankenstein*” que a professora Wendy Brown tão bem observou. Os gestos são transformados em mercadoria, onde o corpo passa a ser produto consumível¹⁵, uma *corpolatria* baseada na sociedade de consumo (Raquel SIEBERT, 1995); agregada à tal percepção, discursos como o de tantos/as atletas conservadores se retroalimentam, seja no jiu-jitsu brasileiro como em outras modalidades. Espaços dominados por tais narrativas só atrasam uma configuração múltipla e plural do esporte que seja para todas e todos e fomenta uma forma tóxica de vivenciar os esportes. No fundo desta suposta neutralidade da EF brasileira, desvela-se uma narrativa autoritária, disciplinadora, com viés viril que traz como verdade predominante o poder do viriarcado¹⁶ de espólio branco hierarquizante, no intuito de controlar e dominar corpos, territórios, espaços e comportamentos. No limite, um corpo que perde sua inteligibilidade resulta em corpos que marcham disciplinadamente e levantam suas mãos gritando *Deus, pátria e família!* e outros hinos conservadores de um pensamento movido ao ódio¹⁷. A disciplina é uma característica que arranca a inteligibilidade dos corpos e ao mesmo tempo propicia o prazer de dominá-lo e controlá-lo. Um filme que retrata a disciplinaridade levada

¹⁵ “produto de cisão do homem consigo mesmo, produzido pelo capital. (...) Essa característica de instrumentalização corporal, como é conhecida pelos esportes de rendimento, tem influenciado cada vez mais os praticantes do chamado esporte de tempo livre”. (RAQUEL SIEBERT, 1995, p. 32)

¹⁶ Tal termo cunhado pela antropóloga francófona Nicole Claude-Mathieu (2021) diz respeito ao poder dos homens sobre as mulheres. Nós do Núcleo de Pesquisa Inanna – PUC-SP tomamos de empréstimo este conceito, por concordarmos com a autora acerca da insuficiência do termo *patriarcado*, uma vez que as relações de poder dos homens sobre as mulheres ocorrem primariamente em virtude da diferença sexual, e não necessariamente por serem patriarcas.

¹⁷ Vale relembrar: “O candidato à reeleição para a Presidência da República, Jair Bolsonaro (PL), voltou a usar o slogan “Deus, Pátria, Família”, criado pelo fascismo, em suas considerações finais no primeiro debate entre presidenciáveis promovido por UOL, Band, Folha de S. Paulo e TV Cultura na noite deste domingo (28). A frase é uma versão ampliada do slogan do movimento fascista Ação Integralista Brasileira (AIB), criado na década de 1930.” in Deus, Pátria e Família: lema de Bolsonaro tem origem fascista. 29 de Agosto de 2022. UOL.

ao limite é a refilmagem alemã de 2008, *Die Welle (A onda)* do diretor Dennis Gassel. Um professor de uma escola do ginásio decide fazer um experimento social com seus alunos/as para mostrar como seria possível controlar massas através de um regime ditatorial. Há muito do corpo neste processo, tendo em vista uma das cenas na qual o professor estimula uma marcha rítmica sincronizada no movimento e no bater dos pés, para que através dessa sincronia de corpos disciplinados a classe perceba a unidade do grupo autoritário. O corpo revela os perigos ao se alienar de si em função da disciplina robotizada e autoritária. Os perigos são múltiplos: desde corpos suscetíveis a violências até corpos executores da lógica do ódio.

O desafio está aqui: promover uma Educação Física crítica

Uma EF crítica representa a possibilidade de transformação que minimize as desigualdades e veja este espaço como um local em disputa que não permita os discursos conservadores de se tornarem uníssonos. Essa monossemia conservadora de discurso coíbe uma outra construção e noção acerca da corporeidade e, além disso, repele corpos que não estejam adequados aos padrões dominantes desta estrutura. Além disso, essa lógica adoce muitos atletas, como vimos em relação a Michael Phelps e Simone Biles. Romper com a neutralidade é um desafio a ser enfrentado, para que *todas* as pessoas possam descobrir as potencialidades de seus corpos sob uma perspectiva crítica e transformadora. Para isso, há necessidade de discutir, questionar, observar e resgatar as raízes de como a EF se construiu no Brasil, ampliando as possibilidades de produzir novos caminhos visando sua transformação. É preciso destacar o peso das significações históricas, sociais e culturais das práticas esportivas, como fez Lino Castellani Filho e outras/os como Inezil Penna Marinho e Fúlvia Rosemberg. Além disso, um ponto importante neste processo é o de reconhecer as disputas epistemológicas que abarcam as produções de conhecimento na qual a EF também não escapa. No caso da EF brasileira foram construídas narrativas ao longo da história pautadas numa base social, cultural e política que estavam reféns de discursos biologizantes e hierarquizantes. Esta esfera do conhecimento humano foi desenvolvida fundamentando-se numa ciência supostamente neutra, mas que ao longo da história do Ocidente se moldou à interesses políticos e sociais de sua época. No caso das mulheres, como já enfatizado, muitas foram proibidas de praticar esportes considerados “*masculinos*”, com base numa narrativa científica na qual a mulher tinha uma função social passiva e que, portanto, só poderia fazer atividades físicas para obter uma maternidade saudável, sem correr o risco de alguma “*masculinização*”.

Negar toda a construção científica, social e cultural no espectro da EF, portanto, é negligenciar as marcas violentas que ainda impactam as modalidades esportivas e as possibilidades de acesso a elas, a depender de qual classe, raça, orientação sexual ou identidade de gênero um corpo possui. As variadas teorias feministas observam toda a gravidade desta estrutura Ocidental do viriarcado na qual se constrói a cultura. As lentes feministas criam metodologias enérgicas para analisar estes processos históricos, seja através da interseccionalidade do feminismo negro, ou então, pelo reconhecimento de que a base da construção de diversos saberes foi enfatizando o homem enquanto sociológico e a mulher enquanto biológica - como revelou o estudo da feminista francófona Nicole Claude-

Mathieu¹⁸ -, ou ainda, pela produção de saberes que questionem este positivismo científico e reflitam acerca de uma produção acadêmica e científica cuidadosa e sem generalizações descuidadas, como ensinou a feminista Indiana Chandra Mohanty, entre muitas outras ferramentas das teorias feministas, como ao promover o resgate de histórias sexualmente situadas tal qual enfatiza a historiadora feminista María-Milagros Rivera Garretas¹⁹.

O contexto das metanarrativas universalizantes não se limita somente a apagar a experiência feminina, mas sim de todos os grupos dissidentes. Ao construir histórias pautadas neste viés, outros saberes são apagados no processo, como de populações de outras realidades que não as brancas e masculinas. Há diferentes modos de se contar uma mesma história. Portanto, há um vasto caminho a ser trilhado que demanda criatividade e um olhar crítico que serve para construções de metodologias do movimento, do corpo e do esporte que não se limitem ao puro hábito, mas que recorram à importância da memória e da historicidade. Promover uma EF crítica não é uma tarefa simples, mas é essencial para criar um ambiente educacional mais inclusivo e justo. Ao adotar essas estratégias, é possível desafiar as normas tradicionais e capacitar as/os alunas/os da área a se tornarem pensadoras/es críticas/os que questionam as estruturas de poder e contribuem para uma transformação de impacto e de reconhecimento do corpo enquanto inteligível e agente da cultura.

Considerações finais

A EF deve ser repensada para que se contraponga ao discurso e à ideologia neoliberal masculina, que se oculta sob a falsa neutralidade. A visão tecnicista que permeia a disciplina, ao ser construída dentro dessa dinâmica, revela-se altamente prejudicial, inclusive para a saúde mental, uma vez que impõe normas, limita as possibilidades de um olhar crítico e transformador sobre o corpo e os espaços esportivos, além de uma produtividade que leva o corpo ao limite da exaustão, sem viés crítico. Ao adotar as Epistemologias Feministas, é possível desvendar as camadas que envolvem o discurso da neutralidade, questionando sua verdadeira intenção e, consequentemente, abre-se caminho para práticas mais inclusivas e emancipadoras.

As teorias feministas têm papel crucial nesse processo, pois oferecem uma ferramenta poderosa para a desconstrução das normas sociais que se impõem no contexto da EF. A disputa epistêmica, ao ser reconhecida como uma estratégia legítima, permite a criação de novas possibilidades para a compreensão do corpo, fugindo das normas rígidas e mecanicistas que buscam, frequentemente, homogeneizar e desumanizar os indivíduos. Sem essa disputa, o modelo neoliberal, com sua lógica de controle e padronização, prevalece, tornando os espaços esportivos locais de dominação e conformidade.

A citação de Maritza Maffei Silva (1995) sobre o consumo, a dominação e a reificação evidencia como a lógica neoliberal regula não apenas o corpo, mas também as relações interpessoais e a própria experiência existencial. Esse processo resulta em uma exaustão física e mental, que torna impossível a reflexão crítica sobre as estruturas que moldam a sociedade. O tempo histórico em que vivemos

¹⁸ “A visão feminina do mundo dentro do biológico e a masculina dentro do sociológico, ou seja, (...) dois sistemas de explicação para os dois termos de um mesmo fenômeno. (...) as mulheres são, enquanto categoria, excluídas da ordem do político”. (Nicole CLAUDE-MATHIEU, 2022: 85)

¹⁹ A pesquisadora María-Milagros Rivera Garretas comprehende que corpos distintos geram histórias distintas. Ela aponta que a diferença sexual não é um dado fixo (biológico), mas, sim, interpretável.

produz consequências diretas sobre os corpos, que são cultural, social e politicamente constituídos. Nesse contexto, como enfatiza Eliane Pardo Chagas (1995), é necessário pensar em formas plurais de intervenção, para que as relações de poder e as práticas excludentes possam ser desafiadas.

Ao considerar a relevância das Epistemologias Feministas na EF, é importante ressaltar como essas teorias contribuem para a ampliação do entendimento crítico sobre a realidade social. A multiplicidade de perspectivas oferecida por essas epistemologias permite um questionamento profundo das estruturas que sustentam o sistema educacional, especialmente no campo esportivo. A EF, enquanto espaço de formação, saúde e socialização, tem o potencial de ser um campo de resistência, caso suas práticas sejam repensadas à luz de uma abordagem mais inclusiva e plural. A EF no Brasil desempenha um papel social significativo, muitas vezes sendo a única ferramenta de acesso à cidadania e dignidade para muitos indivíduos, especialmente em contextos de desigualdade social. Movimentar o corpo, como ressaltado por Lino Castellani Filho (1989), é uma forma de exercitar os direitos e deveres de um/a sujeito/a, de modo que a EF deveria ser um espaço de liberdade e expressão, não de padronização e exclusão. No entanto, a visão tecnicista e supostamente neutra que domina essa área impede a criação de um ambiente educativo capaz de acolher as diversas formas de se pensar e viver o corpo.

A ruptura com a visão tecnicista se dá ao reconhecer que o corpo é, antes de tudo, uma experiência existencial. A experiência material do corpo, ao ser vivenciada de forma singular, revela a inteligibilidade que a lógica neoliberal tenta negar. As Epistemologias Feministas oferecem uma nova perspectiva sobre o corpo, resgatando sua subjetividade e potência transformadora, ao contrário do que preveem as normas disciplinadoras. Como Eliane Pardo Chagas (1995) sugere, o corpo é um espaço de significados, e é através dele que podemos acessar formas de existir que transcendem as normas impostas.

A resistência à normatização e a valorização do corpo como sujeito político e cultural são essenciais para a construção de práticas esportivas e educativas mais humanas. Mulheres como Maria Lenk, Melânia Luz e Rafaella Silva exemplificam essa transgressão, pois suas trajetórias nos ensinam que o corpo pode se mover para além das normas e estereótipos, desafiando a lógica biologicista que sempre buscava submeter o corpo feminino. Elas são exemplos vivos de como a EF pode ser uma ferramenta de resistência, quando liberta de suas amarras tecnicistas.

Ao refletir sobre a relação entre EF, saúde mental e neoliberalismo, torna-se evidente que o modelo atual, baseado na eficiência e na competitividade, traz consequências diretas sobre a saúde mental dos indivíduos. Como Han (2017) aponta, a sociedade do cansaço resulta em uma alienação profunda, na qual a saúde mental é sacrificada em nome da produtividade. Esse cenário afeta todas as pessoas da área da EF, gerando uma pressão constante que compromete o bem-estar e a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas.

O neoliberalismo, ao impor seus padrões de desempenho físico e estético, perpetua um ciclo de exclusão e discriminação, especialmente para as mulheres. Essa conformidade impõe distorções na autoimagem e exacerbar questões psicológicas, como ansiedade e baixa autoestima. A revisão das práticas pedagógicas da EF, portanto, deve ser uma prioridade, para que se promova a saúde mental e a autonomia dos indivíduos.

Por fim, é essencial que a EF seja ressignificada como um campo de práticas críticas e humanizadoras. A incorporação das Epistemologias Feministas e de uma visão interseccional permitirá que o corpo seja entendido não apenas como

um objeto de desempenho, mas como um sujeito cultural e político. A partir dessa visão ampliada, a EF poderá ser um espaço de resistência ao modelo neoliberal, promovendo a inclusão, o bem-estar e a valorização das diversidades, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

*Recebido em 2 de maio de 2024.
Aprovado em 30 de novembro de 2024.*

Referências

AFP. *Grandes estrelas do esporte que sofreram de depressão*. Gazeta Esportiva. São Paulo, 27 de Julho de 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BBC News. *Simone Biles: por que desistir às vezes pode fazer bem à saúde, segundo especialistas*. 27 de Julho de 2021. BBC News Brasil.

BORDO, Susan R. “O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault”. In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. (orgs). *Gênero, corpo, conhecimento*. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Editora Record: Rosa dos Tempos, 1997. pp. 19-41.

BROWN, Wendy. “O Frankenstein do neoliberalismo: liberdade autoritária nas democracias do século XXI”. In: ALBINO, Chiara. OLIVEIRA, Janira. MELO, Mariana. (orgs). *Neoliberalismo, neoconservadorismo e crise em tempos sombrios*. 1a edição. Recife: Seriguela, 2021. pp. 91-150.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 13a edição. Campinas: Papirus, 2007.

CASTELLANI FILHO, Lino. Esporte e Mulher. *Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, 1 (2): 87-92, junho. 1989.

CHAGAS, Eliane Pardo. “Corpo feminino do detalhe... uma possibilidade de construção de novos territórios para a subjetividade feminina”. In: ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. (Coleção corpo e motricidade). Campinas: Papirus, 1995. pp. 125-134.

CORREIO BRAZILIENSE; PEDRA, Luana. *Bolsonaro se reúne com lutadores de jiu-jitsu em São Paulo: Entre os presentes estavam Wanderlei Silva, José Aldo, Fabrício Werdum e Maurício Shogun. Todos declararam apoio ao atual presidente*. Minas Gerais, 21 de Outubro de 2022.

- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIAS, Gabriel. *Deus, pátria e família: lema de Bolsonaro tem origem fascista*. Eleições UOL. 29 de Agosto de 2022.
- DONNA, Wilshire. “Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento”. In: JAGGAR, Alison M., BORDO, Susan R. (orgs). *Gênero, corpo, conhecimento*; (Coleção Gênero). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. pp. 101-125.
- FARRIELO, Tainá Arouck Damasceno Maia. *A autodefesa como método de ação feminista*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2023.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- GARCIA, Carla Cristina. O gênero e as práticas esportivas das mulheres. Alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. *Psicología – Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (PUC)*, 27: (esp.): 497-517, 2018.
- GARRETAS, María-Milagros Rivera. *La Diferencia Sexual en la Historia*. Valencia: Universitat de Valencia, 2005.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. São Paulo: Vozes, 2017.
- HARVEY, David. *A breve história do neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MATHIEU, Nicole-Claude. *A Anatomia Política*. (Bahianas - Traduções feministas, 1). Salvador: EdUFBA: Neim, 2021.
- MAUSS, Marcel. “Noção de técnica do corpo”. In: *Sociologia e antropologia*. Co-sac Naify, 2003. pp. 401-408.
- MOHANTY, Chandra Talpade. “Bajo los ojos de occidente: Academia Feminista y discurso colonial”. In: NAVAZ, Liliana Suárez; HERNÁNDEZ, Aída (eds.). *Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. Madrid: Cátedra, 2008. pp. 112-163.
- MOHANTY, Chandra Talpade. “De vuelta a “Bajo los ojos de Occidente” la solidaridad feminista a través de las luchas anticapitalistas”. In: NAVAZ, Liliana Suárez; HERNÁNDEZ, Aída (eds.). *Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. Madrid: Cátedra, 2008. p. 404-467.
- PEREIRA, Neusa Maria Rodrigues. *As mulheres negras no esporte brasileiro*. GELEDÉS: Instituto da Mulher Negra. 27 de Julho de 2014.
- PIRES, Breiller. *O circuito do esporte que abraça Bolsonaro: de Lucas Moura a Emerson Fittipaldi, personalidades esportivas declararam apoio ao candidato do PSL. Manifestações políticas ainda são raras entre atletas em atividade*.
- REDAÇÃO do GE. *Simone Biles cita saúde mental após desistência: “Há vida além da ginástica”: Estrela americana desistiu de competir nas finais por equipe após errar um salto*. 27 de Julho de 2021. Globo Esporte.

ROSEMBERG, Fúlvia. “A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira”. In: ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. (Coleção corpo e motricidade). Campinas: Papirus, 1995. pp. 271- 308.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio, ou da Educação*. 3a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2022.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. “As relações de saber-poder sobre o corpo”. In: ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. (Coleção corpo e motricidade). Campinas: Papirus, 1995. pp. 15-42.

SILVA, Maritza Maffei. “Mulher, identidade fragmentada”. In: ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade* (Coleção corpo e motricidade). Campinas: Papirus, 1995. pp. 109-123.

TARRUELLA, Patricia. GOAL. *Exclusivo: conheça Mara Gómez, a primeira jogadora trans do futebol*. 06 de Julho de 2022.

UOL. *Neymar declara apoio em Bolsonaro e faz dancinha a favor do candidato*. 29 de Setembro de 2022.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE

ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS PRÓXIMOS DOSSIÉS TEMÁTICOS

Volume 12, Número 30 (setembro-dezembro de 2025)
Enfoques Contemporâneos sobre os Estudos do Cuidado

Dr. Fabio de Medina da Silva Gomes (Unemat)

Dra. Ludmila Rodrigues Antunes (UFF)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE AGOSTO DE 2025

Volume 13, Número 31 (Janeiro-abril de 2026)
Epistemologias étnica e racialmente diferenciadas: diálogos possíveis

Dra. Jane Felipe Beltrão (UFPA)

Dra. Talytta Suenny Araújo (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes (UFC e UNILAB)

Dr. Almires Martins Machado (PPGA)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE NOVEMBRO DE 2025

Volume 13, Número 32 (maio-agosto de 2026)
Masculinidades, curso de vida e cuidado

Dr. Esmael Alves de Oliveira (UFGD)

Dr. Marcos Nascimento (IFF/Fiocruz/RJ)

Dr. Camilo Braz (UFG)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE MARÇO DE 2026

Volume 13, Número 33 (setembro-dezembro de 2026)
Etnografia, escrita de si e escrita entre os seus: experimentações, desafios e potencialidades

Dr. Leandro de Oliveira (UFMG)

Dr. Felipe Tuxá Sotto Maior Cruz (UFBA)

SUBMISSÕES ATÉ 30 DE JULHO DE 2026

Esperamos também artigos livres, em fluxo continuo.

As submissões devem ser feitas no site:

<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso